



Universidade, Ciência e Arte

“Mais do que nunca, sentimos que uma ciência sem consciência, ou seja, sem afirmação mítica da Esperança, marcaria o declínio definitivo de nossas civilizações” – Gilbert Durand

O epistemólogo Gaston Bachelard afirma que o saber científico e o saber poético utilizam métodos diametralmente opostos. Para ele, os eixos da ciência e da poesia são inversos como dois pólos da vida psíquica. Contudo, apesar de opostos, não há uma hierarquia entre os saberes: um não é maior e nem melhor que o outro. Ambos, cada um à sua maneira, conferem um olhar que apreende e expressa o mundo no qual vivemos e sonhamos. Por isso – escreve –, “é preciso amar as potências psíquicas de dois amores diferentes quando se ama os conceitos e as imagens”.

A perspectiva bachelardiana é fundamental para pensarmos o ser atual da universidade brasileira. Espaço por excelência do saber científico, a universidade pauta suas ações e projetos pela busca incessante e aprofundada do conhecimento racional. Trata-se, pois, de um lugar efervescente de criação e irradiação de conhecimentos sistematizados, analíticos, objetivos e metódicos.

Mais do que a simples formação profissional ou a mera reprodução de saberes acumulados, a verdadeira missão da universidade é a produção do conhecimento, sempre sintonizada com as demandas sociais e culturais. É inegável, pois, a importante parcela de contribuição que a universidade tem prestado ao processo de desenvolvimento social, econômico, científico, tecnológico, educacional e cultural da população.

Entretanto, não basta à universidade gerar saberes, é imprescindível que ela ocupe o seu lugar no pro-

cesso de formação permanente de profissionais-cidadãos. Pois cabe à universidade dialogar e intervir, democraticamente, na vida da comunidade, em benefício de suas necessidades e valores socialmente compartilhados.

Por outro lado, vale ressaltar a “face oculta” da academia que, há pelo menos dois séculos de cartesianismo, vem negligenciando a força, o espaço e a expressividade da poesia, da arte e da cultura. No contexto do pensamento positivista, o conhecimento racional é o único “válido” e “verdadeiro”. Nesta perspectiva, o imaginário simbólico seria uma “falácia”, uma “impureza”, um “desvio”, um “equivoco”. Ou, na melhor das hipóteses, uma subjetividade anticientífica. Contaminados pelo vírus cartesiano, pesquisadores construíram, desde Descartes e Comte, uma hegemonia cientificista no seio da universidade, através da qual a imaginação simbólica resultou anatematizada e a poesia acabou relegada ao mundo dos “supérfluos”. Tudo isso em nome do pragmatismo e do utilitarismo que ainda marcam a civilização ocidental.

Mas, como bem caracterizou Bachelard, não deve haver supremacia do saber científico em relação ao saber artístico, do conhecimento racional em detrimento do imaginário simbólico. Apesar de opostos, são eixos igualmente relevantes para se “pensar” a experiência da vida; para reconhecer e se reconhecer no mundo, seja ele real ou virtual, físico ou sensível, visível ou invisível.

Por isso, é preciso superar o preconceito que ainda resta contra o pensamento simbólico e mítico, como se apenas o conhecimento científico fosse importante. Ora, arte e cultura não são mesmo “funcionais” ou “utilitárias”. Não têm a pretensão de se-

rem úteis e de ocuparem uma função prática na sociedade. Não matam a fome, mas são extremamente importantes na vida simbólica das pessoas. Como diz Willian Blake, “a imaginação não é um estado; é toda a existência humana”.

A arte e a cultura não estão situadas no ordenamento das necessidades materiais, mas na dimensão dos desejos, dos sonhos, dos símbolos. A sua importância não remete ao plano das utilidades, mas ao universo da imaginação simbólica. Nas palavras de Paul Ricoeur, o símbolo é, no sentido grego do termo, um enigma. Para ele, “o enigma não bloqueia a inteligência, mas a provoca”.

Provocar e despertar a sensibilidade, formar valores estéticos, constituir consciências éticas e humanitárias, estas são algumas das finalidades a serem cultivadas pela arte/cultura, sejam elas originadas da universidade ou da comunidade em geral.

Portanto, há que se conciliar os eixos do conhecimento de que fala Bachelard: o saber científico e o saber poético. Usando a analogia do cérebro humano, é necessário integrar e fazer interagir os hemisférios esquerdo (intelectual, analítico, racional, reflexivo, lógico formal) e direito (emocional, instintivo, criativo, sintético, espiritual). Assim, será possível, a partir da universidade, proporcionar uma fecunda e criativa interação entre o mundo da análise e o da síntese, entre o estatuto da ciência e o da arte.

A Universidade Federal de Goiás, através de seus vários projetos e atividades, tem procurado integrar e valorizar as várias vertentes e áreas do conhecimento, sejam elas científicas ou artísticas. Da mesma forma, a 54ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC -, que se realiza em Goiânia, deve contribuir substancialmente para a ampliação e democratização do conhecimento científico sem, no entanto, deixar de reconhecer e valorizar o conhecimento cultural e poético.

Mais do que nunca, é fundamental fortalecer laços de convivência e vigilância entre pesquisa e ética, cultura e estética, ciência e consciência, crítica e arte. Na dureza dos tempos modernos, a perseverança e a determinação são as grandes virtudes. Onde houver conflito, que haja a luta, e onde houver ciência e arte, que prevaleça a esperança.

Prof. Dr. Magno Medeiros
Coordenador de Extensão Cultural - PROEC-UFG